

A musicalidade dos sons no processo de aprendizagem: o despertar da sensibilidade

Rose Laura Gross Zimmermann*
Matiele Cenci**

Resumo

Percebe-se que a instituição escolar se sente afastada dos acontecimentos, em razão de uma grave crise caracterizada por mudanças muito rápidas, as quais trazem novas concepções de vida. Nesse sentido, faz-se necessário um novo olhar para a educação e para a formação humana, em que se perceba a formação do ser humano de forma sensível, possibilitando uma vivência que vise ao olhar ampliado ao outro e às diferenças. Este artigo apresenta as análises das vivências do processo de estágio, desenvolvidas durante o Curso de Pedagogia, buscando compreender todos esses processos a partir da interação com os sujeitos envolvidos, nos pequenos gestos, sons, percepções, falas que demonstram um despertar belíssimo da sensibilidade humana. É desafiador colocar-se como agente desse despertar, proporcionando oportunidades para que esse processo seja, realmente, a cada dia, mais intenso, percebendo que a educação e o ato de educar não podem ser descolados da vida, pois "educar é viver", "viver é aprender", "viver é conviver". Nesse sentido, a vida é movimento, é musicalidade, não se pode perceber o processo de aprendizagem descolado da vida, da sensibilidade, da musicalidade humana, dos movimentos desse ser.

Palavras-chave: Sensibilidade. Musicalidade. Diversidade. Vida. Movimento.

1 INTRODUÇÃO

Vive-se em uma sociedade na qual o ser humano está cada vez mais distante do outro, de si, mais individualista e sozinho. As marcas do capitalismo são responsáveis por esse afastamento. Essa realidade é característica de um mundo pós-moderno, no qual as relações, principal fator de humanização humana, estão a cada dia mais fragilizadas, quase inexistentes.

Nessa realidade, nota-se que a escola também se percebe sem norte, sem rumo, pois esse é um momento de transição. Perdida em um mundo de constantes transformações, acaba por deixar de lado uma de suas mais importantes funções: ensinar o prazer e a alegria de aprender. Sem saber para onde ir, apresenta-se com uma prática que já não atende essa realidade de transformações tão intensas.

Nessa sociedade de transformações e mudanças, há, também, uma sociedade de diversidades que muitas vezes é negada, pois se busca padronizar cada indivíduo, seu modo de ser, pensar e agir. Nessa diversidade de contextos, percebem-se e configuram-se os ritmos e sons produzidos por esses diferentes seres, nos diversos movimentos de vida.

Diante disso, não é mais possível que a escola, a educação e, principalmente, a formação do ser humano sejam vistos e tratados da mesma forma. Dentro dessa perspectiva, olhar para a educação e para a formação do ser requer romper com as bases preestabelecidas historicamente e buscar novos olhares, novos caminhos, que encaminhem o indivíduo à formação de um ser mais sensível e mais humano, considerando que hoje

* roselaurl@hotmail.com

** mati_cenci@yahoo.com.br

educar significa, como ressalta Moraes (2003), viver. Assmann (2002) diz: "Educar significa salvar vidas." Assim, a formação humana deve estar voltada para além das metodologias de ensino, deve estar voltada à formação integral do ser, em uma percepção de que a construção do conhecimento ocorre a partir do entrelaçar de vidas.

Há necessidade de a escola buscar o despertar da sensibilidade humana, construindo nas crianças uma visão de mundo e do outro e, por intermédio disso, abrir as relações, ouvindo e percebendo os sons que sua transformação provoca, bem como os sons da natureza e da vida e as diversidades existentes entre cada ser.

2 A MUSICALIDADE DOS SONS NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM E SENSIBILIDADE HUMANA

O que é música? O que é musicalidade? Qual a ligação da musicalidade dos sons com o desenvolvimento do ser humano? Qual a ligação da musicalidade dos sons com o desenvolvimento das capacidades criadoras e de aprendizagens da infância? Que referência sonora e musical o professor tem para desenvolver propostas e com elas ampliar as capacidades de aprendizagem na criança?

A música não é um termo fácil de definir. Muitas pessoas acham que música é o que se ouve em um CD ou rádio. Outros pensam que música é qualquer som que se possa ouvir. A música refere-se a muito mais do que isso. Tem o poder de centramento e de envolvimento nos processos das linguagens. É por meio desse poder que a música tem "[...] a função de desenvolver a personalidade do jovem como um todo, de despertar [...]" (KOELLREUTTER apud PAREJO, 2008) sua afetividade, sua sensibilidade perdida ao longo dos dias, para melhor relacionamento consigo e com seu meio.

O que se percebe é que a escola, muitas vezes, dá pouca importância à música, à musicalidade, à sensibilidade sonora, ou as percebe de forma errônea. É preciso que a escola se liberte da concepção de uma aprendizagem composta apenas de um saber teórico, mas que perceba na música oportunidades de proporcionar às crianças experiências diversificadas e prazerosas.

Muito mais do que perceber os sons do mundo, musicalidade dentro do processo de desenvolvimento e aprendizagem das crianças, deve proporcionar momentos de descoberta do seu próprio corpo e, com isso, perceber os sons mediante percepção desse corpo. Segundo Nardelli (2000, p. 25), "A vida é som. A todo o momento, os mais diversos sons e ruídos provenientes da natureza, e das infinitas formas de vida por ela produzidas, nos cercam de todos os jeitos e lados." No corpo das crianças e de cada sujeito, circula vida; portanto, é importante perceber esses sons produzidos por esse pulsar de vida, explorando os sons produzidos por meio do movimento dos corpos.

Por causa de todo esse movimento de vida que circula na escola, é que se faz necessário discutir além do processo de aprendizagem e de formação do ser. É preciso que se discuta a quem se destina esse processo. É preciso que se conheça um pouco sobre esse sujeito, alvo desse processo, pois, como diz Paulo Freire, "[...] não é possível falar de educação sem compreender o ser humano."

2.1 FORMAÇÃO HUMANA COM SENSIBILIDADE

Hoje, a sensibilidade, a emoção e o amor são características humanas que estão sendo sufocadas pelos novos anseios plantados no coração humano por essa estrutura social e mercadológica instalada na sociedade. O produto de menor valor é o ser humano e seus sentimentos. Por isso, como Assmann e Mo Sung (2000, p. 245) dizem: "[...] educar significa realmente salvar vidas [...]", significa formar esse ser para a sensibilidade; despertar as emoções que estão fechadas, abafadas pelas incertezas da vida; educar para a alegria de viver e descobrir as belezas da vida; descobrir parte do outro e, nessa relação, constituir-se humano.

Para que se fale de uma educação voltada à sensibilidade, é fundamental que se discuta sobre onde, quem e para quem essa educação se destina. É relevante discutir sobre o professor, sobre a escola sensível e o aluno e qual o papel de cada sujeito nessa formação para a sensibilidade.

2.1.1 Profissional sensível

Considerando o mundo de transformação e mudanças rápidas, além da dificuldade de a escola acompanhar tais mudanças, de forma satisfatória, o que provoca um afastamento das realidades da escola e de fora dela, vê-se que os educadores ainda fundamentam suas práticas de forma distanciada da realidade das transformações e dos propósitos educativos contemporâneos. Essas fortes mudanças, além de trazerem uma infinidade de informações, carregam uma nova concepção de ser humano e de vida em sociedade. São vivências individualistas e egoístas; são vivências que privilegiam o ter e não o ser. O educador ainda tem dificuldade de assimilar essas mudanças. É necessário que este se perceba como ser consciente da sensibilidade humana e que busque uma formação integral do aluno. Além disso, que esteja consciente de seu papel como sujeito transformador da realidade e participante da formação humana de cada sujeito que vive e movimenta a escola como um organismo vivo. Que ofereça às crianças um ambiente onde possam desenvolver o espírito crítico, voltado aos valores de respeito e essências da vida, responsável e criativo, para assim compreenderem as realidades: social, econômica, política e cultural, bem como prepará-los para uma participação efetiva no processo de mudanças dessas realidades, de forma sensível, percebendo-se no outro e para o outro.

Todavia, para que esse professor possa reconhecer no seu aluno um ser sensível e dotado de sentimentos e emoção, desejos e anseios, é necessário que ele se perceba, também, como um sujeito dependente do amor do outro e dependente da relação.

A partir disso, é necessário pensar e desenvolver na escola, além de um ambiente que ofereça mais do que um saber pronto, um saber que seja construído com significado; que a escola realmente se reconheça como um lugar de encontros, um lugar de humanização, de sensibilidade, pois a busca por sentido é algo que faz parte da existência humana.

2.1.2 A escola sensível

O ser humano é um ser de sensibilidade, de emoção, um ser dependente do amor. A partir disso, não é possível pensar em uma escola que busque a sensibilidade sem pensar e buscar os anseios, os desejos, as paixões desse ser dotado de sensibilidade.

No mundo atual, esses sentimentos são deixados de lado, sufocados e abafados. O ser humano já não é mais percebido como um ser de potencialidades, mas como um produto, um ser capaz de reproduzir conceitos prontos, sem a capacidade de criar e inovar. A própria escola, embora busque hoje maior autonomia e visão mais aberta do ser humano, continua em alguns momentos sendo uma reprodutora de verdades e culturas arraigadas, carregadas de preconceitos. É necessário que a escola busque trabalhar com esses sentidos e sentimentos, trabalhar a partir dos desejos desse ser sensível.

Aprender a aprender; aprender por meio de tudo que dá prazer. Esse deveria ser o olhar da escola para que realmente tivesse uma educação mais humana, mais sensível; para que a escola pudesse realmente formar sujeitos que olham para o outro e o compreenda como um sujeito realmente dotado de amor e emoção.

A escola hoje, imersa em uma instabilidade de funções e valores, fundamenta sua prática em um conhecimento engessado e enraizado em concepções fundadas pelos poderes vigentes e dominantes, formando sujeitos que não compreendem e não conseguem perceber e entender a vida com suas incertezas.

A escola precisa estar atenta à sua função de preparar esse sujeito para ser e estar no mundo, enfrentando suas incertezas e desafios, mas não de uma forma individualista e sim se percebendo como um ser dependente do outro. Deve ser um ambiente onde o saber se construa de forma prazerosa, cheio de sentido, de vida, de energias, "[...] onde todas as partes sejam reconhecidas no todo e onde os sentidos e o corpo tomam para si o compromisso, a magia e a beleza da aprendizagem." (MATURANA apud ALMEIDA; SAUER, 2006).

O que se percebe é que a escola, em muitos momentos, por questões tão diversas que são impostas pela cultura de manipulação e consumismo, privilegia esses conteúdos, fazendo de forma mecânica e sem dar

sentido entre esses saberes e a vida do aluno. Alves (2003, p. 56) já dizia que “[...] só há duas coisas que a gente aprende: coisas que dão prazer e as coisas que são úteis. Se nem dão prazer e nem são úteis, vão logo para o lixo. São esquecidas.” Para tanto, é necessário que a vivência escolar faça sentido para o sujeito.

Pensar em uma educação que tenha sentido é acreditar nas possibilidades e potencialidades desses seres, pois, segundo Assmann e Mo Sung (2000, p. 246), “[...] se acreditarmos na educabilidade do ser humano estamos fazendo uma aposta na possibilidade de unir percepção, desejo, ação [...]”; com isso, realmente abrem-se portas para uma realidade, para uma vivência de sentido.

É por isso que a escola precisa, na pessoa do professor, despertar em si esse olhar para a sensibilidade e para a escuta dos sons de seus alunos. A musicalidade é linguagem que expressa os desejos, afeto, os quais geram o sentido e o poder de aprender. Como ressalta Alves (2005 apud PORTO, 2006) “[...] nossos sentidos são todos órgãos de abrir-se para o mundo, de ter prazer nele.” A escola como espaço de encontros deve ser um espaço de linguagens, onde não somente a linguagem formal se faça presente, mas que todas as linguagens do corpo possam encontrar espaço e se expressar; a escola deve ser um espaço onde a criança possa, como fala Porto (2006), “[...] se lambuzar com suas linguagens.” A autora segue dizendo que as vivências das linguagens artísticas e sonoras despertam “[...] o prazer, o sorriso, as lágrimas, a vontade de brincar, cantar, dançar, fazer poesia, enfim, de despertar o imaginário, a criatividade.” (PORTO, 2006).

Nesse universo, onde acontece a relação com o outro por intermédio da linguagem, ocorre também o processo de aprendizagem, que visa à formação do ser em sua totalidade: corpo e mente. Segundo Porto (2006), são “[...] linguagens que emergem como respostas às propostas de ensino.” Nesse sentido, Alves (2005 apud PORTO, 2006) questiona: “Qual é a tarefa da educação senão levar-nos a aprender a amar, a sonhar, a construir os próprios caminhos, a descobrir novas formas de ver, ouvir, sentir e refletir, aceitando os desafios dos caminhos no mundo?”

Portanto, é importante para os professores e para a escola, como sujeitos formadores, estimular o desenvolvimento dinâmico das dimensões da totalidade do ser – biológicas, intelectuais, emocionais e espirituais –, e estimulando-o à integração, para uma vida equilibrada de inteireza, sensibilidade e prazer.

3 MOMENTOS DE SENSIBILIDADE

Todo o processo de formação humana, principalmente todo processo de aprendizagem, é fundamentado em uma relação entre os sujeitos. Diante disso, nos diversos movimentos dos sujeitos envolvidos na prática de estágio, percebeu-se um forte desabrochar da sensibilidade, um belíssimo movimento de vida e de musicalidade. São pequenos gestos, sons, percepções, falas que demonstram esse despertar belíssimo da sensibilidade humana. É desafiador colocar-se como agente desse processo, proporcionando oportunidades para que este seja realmente a cada dia mais intenso.

Diante da relação estabelecida durante as práticas de estágio, fica evidenciada a importância de o professor colocar-se como ser de sensibilidade e de perceber-se um ser com eles e, dessa forma, perceber as necessidades desses movimentos, desses corpos que carregam sensibilidade, desejos, que levam em si um mundo de significados.

Foram movimentos de seres que se perceberam, assim como ressalta Morin (2005), um ser de relações, dependente do outro, um ser que, segundo Maturana (2002), é dependente de amor. São os professores e alunos os seres dependentes do outro; dependentes não no sentido de submissos, mas para que realmente possam se desenvolver, aprender. Dayrell (1992, p. 2) destaca que: “São as relações sociais que verdadeiramente educam, isto é, formam, produzem os indivíduos em suas realidades singulares e mais profundas.” Eis a importância de um processo de ensino e aprendizagem que realmente valoriza o despertar da sensibilidade humana, possibilitando uma aproximação efetiva, um diálogo, uma relação entre os sujeitos, para que realmente possam, dessa forma, tornarem-se cidadãos sensíveis, capazes de perceber o outro.

Moraes (2003, p. 57), em seu livro *Educar na Biologia do amor*, questiona: “Será possível criar ambientes de aprendizagem que nos permita desfrutar desse tipo de experiência?” A própria autora comenta que

isso somente será possível transformando o momento de aprendizagem em um momento único e de prazer para todos. Acredita-se e pode-se dizer que isso é possível, há manifestações das crianças quanto ao desejo e ao prazer que sentiam em cada atividade, mesmo aquelas nas quais demonstravam alguma dificuldade por serem novas e diferentes, como as atividades de percepção das rimas. O prazer de descobrir que se pode brincar com os sons, com as palavras despertou ainda mais o interesse pelo mundo da leitura e das palavras.

Entre tantas vivências significativas, acredita-se ser importante para uma formação que vise à sensibilidade e ao olhar para o outro, que na educação infantil e nas séries iniciais do ensino fundamental se busque uma prática que possibilite um universo de experimentações, de experiências diversas. Vivências que desafiam as crianças a perceber novos caminhos, novas possibilidades, que estimulem a fantasia, a imaginação.

Mesmo que em alguns momentos a razão indicasse não ser possível (“papéis não nascem!”, “este violão não vai sair som”), a imaginação e a possibilidade de se deixar envolver pela magia do experimentar, do desvendar e descobrir motivaram à imaginação de tais possibilidades. Tais atividades auxiliam também na formação humana desses sujeitos quanto à necessidade de enfrentar o mundo, as necessidades e incertezas da vida; muitas vezes, é preciso que se tenha essa ternura e ingenuidade para que se possa realmente acreditar ser possível e, assim, lutar pela vida.

Retomando mais uma fala de Assmann (2002), quando destaca em um dos subtítulos de seu livro *Reencantar a Educação: rumo à sociedade aprendente*, “Hoje, educar significa defender vidas [...]”; complementando a fala desse autor, Moraes (2003) afirma que a educação e o ato de aprender e educar não podem ser descolados da vida, pois “educar é viver”, “viver é aprender”, “viver é conviver.” Acreditamos serem esses pontos fundamentais em uma educação que busca a sensibilidade e a aceitação do outro. Uma educação que valoriza a vida.

4 MOMENTOS DE MUSICALIDADE E CORPOREIDADE

Tomatis (1975 apud PAREJO, 2008) fala de um engajamento total, em que todo o corpo está envolvido. Todos os ritmos, os movimentos das crianças, a musicalidade que preenche a escola precisam ser cultivados. Nardelli (2000, p. 25) diz que a “vida é som”, “[...] a vida é movimento, e o som se origina do movimento.” (AVALLON, 1993, p. 11). O professor precisa ser capaz de perceber todo esse movimento da aprendizagem como um movimento de musicalidade das crianças, como um despertar da corporeidade das crianças. Esses seres são seres de sensibilidade; portanto, portadores de uma corporeidade também sensível, de um corpo que, segundo Gonçalves, é capaz de sentir, expressar-se, comunicar-se, de criar significados. Um corpo ou corporeidade cheio de energia, vida, movimento, sentidos e prazeres, de emoções e de amor.

Diante disso, destaca-se que durante todas as vivências de ensino e aprendizagem na prática do estágio, diversos e variados foram os momentos nos quais a musicalidade foi percebida e sentida. Cada movimento foi um momento de musicalidade; nos momentos de canção, espaço que tradicionalmente a música e a musicalidade ocupam na escola; durante uma atividade com bolhas de sabão; dança nas sombras; pensamentos; a cada nova descoberta das palavras durante os registros dos sons; na construção de instrumentos; nas vivências de escuta do outro, etc.

Moraes (2003, p. 53) chama a atenção para esse movimento e a musicalidade dos seres humanos quando salienta que a vida é “[...] muito mais dinâmica e imprevisível do que as rígidas estruturas escolares e é impossível para a escola que não interage com o seu meio acompanhando a rapidez da transformação que ocorrem no mundo e na vida.” Para tanto, a escola precisa estar atenta a esses movimentos, a essas corporeidades desses seres cheios de vida, de musicalidade e sensibilidade.

Cada sujeito aprendente se torna um ser voltado à sensibilidade, buscando uma corporeidade que visa à sua transformação para uma pessoa mais solidária, capaz de perceber-se como um ser vivo, de desejos, de musicalidade, de corporeidade, reconhecendo no outro um ser cheio de vida e que se movimenta dentro desse relacionar, percebendo as diferenças.

5 MOMENTOS DE TRANSDISCIPLINARIDADE

Em todo o processo de discussão teórica realizada para embasar todas as fases das vivências de docência, discutiu-se sobre uma educação que buscasse ver o aluno como um ser humano que precisa ser percebido como uma totalidade. Assim, faz-se necessário pensar uma prática pedagógica que também se pautasse em uma totalidade, não fundamentada em conhecimentos fragmentados. Para tanto, percebe-se nesse processo de vivência docente um momento de transdisciplinaridade. Diante disso, buscou-se nas mais diferentes formas vivenciar a diversidade dos sons que se percebeu durante a construção do saber e na convivência. Como ressalta Follmann (2005, p. 12), uma atitude transdisciplinar “[...] significa trilhar novos caminhos do conhecimento, revestindo-se da armadura da humildade e da esperança na humanidade.” Acredita-se e vivencia-se, com as crianças, que essa atitude se faz cada vez necessária, as “[...] crianças devem ser levadas a sério em vista de suas expressões, esperanças e desejos, introspecções e temores individuais.” (PAPST, 2005, p. 16). Dessa forma, a sensibilidade deve ser despertada para novos olhares, a fim de que seja um sujeito crítico, formador de opinião.

Nesse sentido, acredita-se que toda a prática docente teve e atendeu seu objetivo de fazer com que cada criança pudesse, de sua maneira, ter acesso aos conteúdos e saberes integrais e não fragmentados. Precisa-se de uma prática que esteja atenta a diversidades dos seres, estes dotados de sensibilidades, uma ação comprometida com o outro.

Assim, percebe-se que toda a vivência docente foi revestida de momento em que o diálogo, a sensibilidade, a musicalidade estiveram presentes fazendo “[...] todos os saberes acessíveis para todos e em toda a parte.” (PINEAU, 2009, p. 14). Durante a prática de estágio, foram buscadas formas de despertar a atenção de todos para os saberes produzidos por cada um dos alunos, na sua forma, no seu ritmo, fazendo com que todos tivessem acesso ao conhecimento.

Como destaca Nicolescu (apud PINEAU, 2009, p. 13), “Após o imperialismo disciplinar dos ismos, a valsa transdisciplinar dos prefixos envolve a alegria de viver e de conhecer.” Como profissionais da educação, que se colocam como sujeitos comprometidos com a vivência da sensibilidade e da totalidade do ser, precisa-se penetrar nessa dança, nessa salsa, e fazer com que as crianças sejam também sujeitos ativos em todo esse processo de aprendizagem e construção do saber.

6 CONCLUSÃO

Durante todas essas vivências, algo ficou claro: a importância de um processo de aprendizagem, no qual cada sujeito tenha seu espaço de construir e pensar, quer professores, quer alunos. Como diz Antonio (2002), há necessidade de educadores que permitam ao aluno pensar. Mais do que isso, despertem o gosto de pensar, de aprender, o gosto pela experiência insubstituível do diálogo, em que cada um pode-se reconhecer como sujeito de ideias, de palavras, como uma pessoa que tem o que dizer e que pode dizer, e que será ouvida. Isso é sensibilidade, é musicalidade, é saber perceber e ouvir o outro e descobrir os fantásticos caminhos do aprender.

Dessa forma, Assmann e Mo Soung (2000) consideram que “[...] o desafio está lançado, mas não concluído.” Passa-se por processos de estágio, a vida profissional está apenas começando. Todas as descobertas precisam ser trilhadas. Tem-se a consciência de que o professor não é agente transformador das mentes das crianças, mas é ser de sensibilidade para auxiliá-las no desabrochar das sensibilidades adormecidas.

É preciso que os corações tenham a musicalidade da educação, saibam que cada ser é dotado de um ritmo próprio, e distinto, e é necessário conviver e ser sensível às diversidades.

Durante todo o processo, verdades engessadas e impregnadas das escolas foram rompidas; novas experiências foram vividas, mostrando ser possível uma educação que busque uma formação humana que perceba o ser humano como um ser de totalidade, de relação, de afetividade.

The sounds musicality in the learning process: the wakening of sensitivity

Abstract

One perceives that the pertaining to school institution is being felt moved away from the events, had to a serious crisis characterized for very fast changes, which bring new conceptions of life and human being. In this direction a new becomes necessary to look at for the education and the formation human being, where it is perceived formation of the human being of sensible form, making possible an experience that aims at the extended look to the other and the differences. This article presents the analyses of the experiences of the period of training process, developed during the course of Pedagogia, searching to understand all these processes from the interaction with the involved citizens. In the small gestures, sounds, perceptions, you speak that they demonstrate to a gorgeous wakening of sensitivity human being. He is challenging to place itself as agent of this wakening providing chances so that this process is really to each day, more intense. Perceiving that the education and the act to educate cannot be unglued from the life, therefore "to educate it is to live", "to live is to learn", "to live is to coexist". E in this direction, the life is movement, the life is musicality in such a way cannot perceive the unglued process of learning of the life, sensitivity, the musicality human being, the movements of this being.

Keywords: Sensitivity. Musicality. Diversity. Life. Movement.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Leia Raquel de; SAUER, Adriano Jacó. **O corpo como espaço de aprendizagem**. 2006. Disponível em: <<http://www.psicopedagogia.com.br/artigos/artigo.asp?entrID=887>>. Acesso em: 11 jun. 2008.

ALVES, Rubem. **Conversas sobre educação**. São Paulo: Verus, 2003.

ANTÔNIO, Severino. **Educação e transdisciplinaridade**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

ASSMANN, Hugo. **Reencantar a educação: rumo à sociedade aprendente**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

ASSMANN, Hugo; MO SUNG, Jung. **Competência e sensibilidade solidária: educar para a esperança**. Petrópolis: Vozes, 2000.

AVALON, Manville. **O poder da música**. São Paulo: Martin Claret, 1993.

BEGROW, Angela Maria Hofer; ERPEN, Gilberto Inacio. **Reflexões: educação e sociedade**. São Miguel do Oeste: Arco Iris, 2002.

DAYRELL, Juarez T. A Educação do aluno trabalhador: uma abordagem alternativa. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 15, p. 21-29, jun. 1992.

FOLLMANN, José Ivo. A universidade exposta à transdisciplinaridade. **Revista Instituto Humanitas Unisinos**, São Leopoldo, p. 8-12, ago. 2005.

MATURANA, Humberto R. **Emoções e linguagens na educação e na política**. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2002.

MORAES, Maria Cândida. **Educar na biologia do amor e da solidariedade**. Petrópolis: Vozes, 2003.

MORIN, Edgar. **O método 5: a humanidade da humanidade: a identidade humana**. 3. ed. Porto Alegre: Sulina, 2005.

NARDELLI, J. **A Escola que canta, encanta**. 2000. Monografia (Especialização em Psicopedagogia)– Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí, Rio do Sul, 2000. Mimeografada. Disponível em: <http://www.iacat.com/revista/recreate/recreate03/Escola_encanta..pdf>. Acesso em: 1 out. 2008.

PAPST, Josephine. Tornar todos os saberes acessíveis para todos em toda a parte. **Revista do Instituto Humanitas Unisinos**, São Leopoldo, p. 12-14, ago. 2005.

PAREJO, Enny. **A música no desenvolvimento infantil**: propostas para uma educação musical funcional em nossa sociedade. Disponível em: <ennyparejo.com.br/a_musica_no_desenv_infantil.doc>. Acesso em: 2 maio 2008.

PINEAU, Gaston. A segmentação do conhecimento é um fruto perverso da modernidade. **Revista Instituto Humanitas Unisinos**, São Leopoldo, p. 15-18, ago. 2005.

PORTO, Tania Maria Esperon. Aprendizagens com tecnologias, artes e comunicação em cursos de formação docente. **Revista do Centro de Educação**, v. 31, n. 2, 2006. Disponível em: <<http://coralx.ufsm.br/revce/revce/2006/02/a10.htm>>. Acesso em: 11 jun. 2008.